

Grey

E L James

Traduzido do inglês por
Carla Melo e Paula Antunes

GREY

Tenho três carros. Aceleraram pelo chão. Tão depressa! Um é vermelho. Um é verde. Um é amarelo. Eu gosto do verde. É o melhor. A mamã também gosta deles. Eu gosto quando a mamã brinca comigo e com os carrinhos. Para ela, o vermelho é o melhor. Hoje ela está sentada no sofá, a olhar para a parede.

O carro verde voa para o tapete. O carro vermelho segue-o. Depois o amarelo. Bum! Mas a mamã não vê. Faço isto outra vez. Bum! Mas a mamã não vê. Faço pontaria com o carro verde aos pés dela. Mas o carro verde vai parar debaixo do sofá. Não chego lá. A minha mão é demasiado grande para aquele espaço. A mamã não vê. Quero o meu carro verde. Mas a mamã fica sentada no sofá a olhar para a parede. *Mamã. O meu carrinho.* Ela não me ouve. *Mamã.* Puxo-lhe a mão e ela chega-se para trás e fecha os olhos. *Agora não, Piolho. Agora não,* diz ela. O meu carro verde fica debaixo do sofá. Está sempre debaixo do sofá.

Eu vejo-o. Mas não chego lá. O meu carro verde está sujo. Coberto de pelos cinzentos e pó. Quero-o de volta. Mas não chego lá. Nunca chego lá. Perdi o meu carro verde. Está perdido.

E nunca mais vou poder brincar com ele outra vez.

Abro os olhos e o meu sonho desvanece-se na luz da madrugada. *Que raio queria dizer aquilo?* Tento apanhar os fragmentos à medida que recuam para o inconsciente, mas não consigo deitar a mão a nenhum.

Ignorando-os, como na maioria das manhãs, saio da cama e encontro umas roupas de ginástica recém-lavadas no meu quarto de vestir. Lá fora, um céu de chumbo promete chuva, e hoje não me apetece correr à chuva. Subo até ao meu ginásio, acendo a televisão para assistir ao noticiário da manhã e ponho-me na passadeira.

Os meus pensamentos desviam-se para o dia que tenho pela frente. Só me esperam reuniões, embora mais tarde vá receber o meu *personal trainer* no escritório – Bastille é sempre um desafio bem-vindo.

Se calhar devia ligar à Elena.

Pois. Se calhar. Podíamos jantar lá mais para o final da semana.

Paro a passadeira, esbaforido, e desço para tomar um duche e dar início a mais um dia monótono.

– Amanhã – resmungo, para mandar embora Claude Bastille, que se encontra à entrada do meu gabinete.

– Golfe, esta semana, Grey.

Bastille sorri com arrogância, sabendo que a sua vitória num campo de golfe é garantida.

Faço um esgar enquanto ele se vira e se afasta. As palavras com que se despediu esfregam-me sal nas feridas porque, apesar das minhas tentativas heroicas no ginásio hoje de manhã, o meu *personal trainer* deu-me cabo do couro. Bastille é o único capaz de me vencer e agora quer derrotar-me outra vez no campo de golfe. Detesto golfe, mas concretizam-se tantos negócios naqueles percursos, que também tenho de suportar as suas lições lá... e, embora odeie admiti-lo, jogar com Bastille de facto melhora a forma como eu jogo.

Enquanto fito o horizonte de Seattle, o tédio habitual insinua-se na minha consciência. Estou com um humor tão cinza e abatido como o tempo. Os meus dias mesclam-se sem qualquer distinção e preciso de alguma espécie de diversão. Passei o fim de semana a trabalhar no duro e agora, nos confinamentos constantes do meu gabinete, sinto-me irrequieto. Não deveria sentir-me assim, não depois de vários combates com Bastille. Mas sinto.

Franzo o sobrolho. A verdade pura e simples é que a única coisa que, ultimamente, conseguiu interessar-me foi a decisão de enviar dois cargueiros cheios para o Sudão. Isso faz-me lembrar... Ros deveria trazer-me informação acerca de números e logística. *Que raio estará a demorá-la?* Decidido descobrir o que andarás a tramar, olho de relance para a agenda e levo a mão ao telefone.

Oh, meu Deus! Tenho de me sujeitar a uma entrevista com a persistente

Miss Kavanagh, para o jornal académico da WSU. *Mas por que raio concordei em fazer esta porra?* Abomino dar entrevistas – questões imbecis feitas por idiotas imbecis, desinformados e fúteis. O telefone vibra.

– Sim – atendo-o com rispidez, como se Andrea fosse a culpada. Ao menos poderei assegurar-me de que a entrevista será curta.

– Miss Anastasia Steele está aqui para o ver, Mr. Grey.

– Steele? Estava à espera da Katherine Kavanagh.

Faço uma careta. Detesto imprevistos.

– Deixe-a entrar – resmungo, ciente de que pareço um adolescente amuado, mas quero lá saber.

Ora, ora... Miss Kavanagh não tem disponibilidade. Conheço o pai dela, o dono da Kavanagh Media. Já fizemos negócios juntos e ele parece-me um profissional astuto e um ser humano racional. Esta entrevista é um favor que lhe faço – e que tenciono cobrar mais tarde quando me convier. E tenho de admitir que fiquei um pouco curioso quanto à filha dele, querendo saber se ela saía ou não ao pai.

Uma agitação à porta faz-me levantar e deparar-me com um rodopio de cabelo comprido de cor castanha, membros pálidos e botas castanhas que se lançam de cabeça para o meu gabinete. Reviro os olhos e reprimo a minha irritação natural perante tanta falta de jeito, enquanto vou em socorro da rapariga que aterrou de gatas no chão. Seguro-a pelos ombros estreitos e ajudo-a a levantar-se.

Uns olhos límpidos, azuis brilhantes e envergonhados fitam os meus e fazem-me estacar. Têm uma cor extraordinária – são francos e azul-claros – e, por um terrível instante, parece-me que é capaz de ver através de mim. Sinto-me... exposto. A ideia é enervante. Ela tem um rosto pequeno e doce que está a corar num tom rosado e inocente. Pergunto-me por um breve instante se toda a sua pele será assim – imaculada – e como ficaria rosada e aquecida por vergastadas. *Merda.* Travo os meus pensamentos desviados, alarmado pelo rumo que tomam. *Que porra te anda a passar pela cabeça, Grey? Esta miúda é demasiado nova.* Ela fica boquiaberta a olhar para mim e eu quase volto a revirar os olhos. *Pois, pois, miúda, é só uma cara e a beleza é apenas superficial.* Quero dissipar o olhar desprotegido e admirador daqueles grandes olhos azuis.

Hora do espetáculo, Grey. Bora lá à diversão.

– Miss Kavanagh? Sou Christian Grey. Está bem? Quer sentar-se?

Lá está ela a corar outra vez. De novo com tudo controlado, observo-a. É bastante atraente, de uma forma desajeitada – magra, pálida, com uma juba de cabelo cor de mogno que o elástico mal consegue conter. Uma morena. *Sim, é atraente.* Estendo a mão e ela gagueja ao começar a apresentar uma desculpa esfarrapada enquanto me estende a mão. Tem a pele fresca e suave, e um aperto de mão surpreendentemente firme.

– Miss Kavanagh está indisposta e por isso enviou-me a mim. Espero que não se importe, Mr. Grey.

Tem uma voz serena com uma musicalidade hesitante e pestaneja muito, com umas pestanas compridas que sobem e descem diante daqueles grandes olhos azuis.

Incapaz de disfarçar o divertimento na minha voz ao lembrar-me da sua entrada tudo menos elegante no meu gabinete, pergunto-lhe quem é.

– Anastasia Steele. Estudo literatura inglesa com a Kate, há... Miss Kavanagh, na WSU Vancouver.

É do género nervoso, tímido e que gosta de livros, há? É o que parece: hediondamente vestida, escondendo a figura esguia por baixo de uma camisola sem forma e uma saia castanha *evasé*. *Céus, será que não tem a mínima noção de estilo?* Olha nervosamente para todo o lado do meu gabinete – exceto para mim, reparo com uma ironia que me diverte.

Como poderá esta jovem ser jornalista? Não tem uma pinga de assertividade. Toda ela é encantadoramente envergonhada, mansa, branda... submissa. Abano a cabeça, intrigado pelo rumo inapropriado dos meus pensamentos. Balbucio um lugar-comum qualquer e peço-lhe que se sente, após o que reparo que avalia com um olhar atento os quadros do meu gabinete. Antes que possa impedir-me, dou por mim a explicar o que são.

– Um artista local. Trouton.

– São admiráveis. Fazem do comum, extraordinário – diz ela num tom sonhador, perdida na mestria excepcional e requintada dos meus quadros.

Tem um perfil delicado – um nariz arrebitado, uns lábios cheios e suaves – e, com as suas palavras, espelhou exatamente o que sinto. *Fazem do comum, extraordinário.* É um comentário arguto. Miss Steele é inteligente.

Digo-lhe que concordo com ela e vejo que a sua pele torna a ser tingida pelo rubor. Enquanto me sento à sua frente, tento pôr rédeas aos meus pensamentos.

Ela saca de uma folha amarrotada e de um gravador que traz na mala demasiado grande. Um gravador? *Estas coisas não morreram juntamente com as cassetes de VHS?* Meu Deus – é mesmo desajeitada: deixa aquilo cair duas vezes em cima da minha mesa de centro de estilo Bauhaus. É óbvio que nunca fez uma coisa destas, mas, por algum motivo que não consigo discernir, acho-lhe graça. Regra geral, este género de falta de jeito irrita-me até mais não, mas agora estou a disfarçar o sorriso com um dedo indicador e a resistir à tentação de o pôr eu mesmo a funcionar.

À medida que ela vai ficando cada vez mais envergonhada, ocorre-me que poderia melhorar-lhe as capacidades motoras com o auxílio de uma vergasta. Bem usada, é capaz de levar até as mais espantadiças a acalmarem-se. O pensamento errante faz-me mexer na cadeira. Ela olha de relance para mim e morde o lábio inferior generoso. Macacos me mordam! Como é que não olhei para aquela boca com olhos de ver?

– D-desculpe. Não estou habituada a isto.

Bem vejo, querida – penso com ironia –, *mas, neste momento, estou-me a cagar para isso, porque não consigo desviar o olhar da tua boca.*

– Leve o tempo que precisar, Miss Steele.

Preciso de mais um instante para dominar os meus pensamentos impudicos. *Grey... para com isso, já.*

– Importa-se que grave as suas respostas? – pergunta-me, com uma expressão cândida e expetante.

Dá-me vontade de rir. *Oh, valha-me Deus.*

– Depois do trabalho que teve para preparar o gravador, pergunta-me agora?

Ela pestaneja, ficando com os grandes olhos perdidos por um momento, e eu sinto uma pontada invulgar de culpa. *Para de ser merdoso, Grey.*

– Não, não me importo – resmoneio, pois não quero ser responsável por aquele olhar.

– A Kate, quer dizer, Miss Kavanagh, explicou-lhe para que era a entrevista?

– Sim, para figurar na edição do jornal académico da entrega dos diplomas, pois serei eu a entregá-los na cerimónia deste ano.

Por que raio acedi a isso, não faço ideia. Sam, do departamento de relações públicas, diz-me que é uma honra e que o departamento de ciências ambientais de Vancouver precisa da publicidade para atrair fundos adicionais que vão ao encontro da bolsa que lhes dei.

Miss Steele pestaneja, de novo com os olhos azuis muito abertos, como se as minhas palavras constituíssem uma surpresa e... *merda!* Está com um ar reprovador! Não fez qualquer pesquisa de preparação para esta entrevista? Devia estar a par disto. A ideia gela-me o sangue. É... desagradável não saber o que esperar dela ou de quem quer que seja a quem eu conceda tempo.

– Bom. Tenho aqui algumas perguntas, Mr. Grey.

Ela passa uma madeixa de cabelo para trás da orelha, o que me distrai da irritação.

– Foi o que assumi – replico com *secura*.

Vamos lá fazê-la contorcer-se. Como se me obedecesse, ela contorce-se e depois recompõe-se, endireita-se e alinha os ombros magros. Inclinando-se para a frente, carrega no botão do gravador e franze o sobrolho ao olhar para as notas amarfanhadas.

– É muito jovem e, no entanto, já construiu um império enorme. A que deve o seu sucesso?

Oh, Céus! Decerto será capaz de melhor? Que pergunta mais enfadonha, porra. Nem um pingo de originalidade. Desilude-me. Papagueio a minha resposta habitual acerca de ter pessoas excepcionais dos Estados Unidos a trabalhar comigo. Pessoas em quem confio, na medida em que confio em quem quer que seja, e que remunero generosamente... blá-blá-blá... Mas, Miss Steele, a verdade é que sou um génio do caracas naquilo que faço. Para mim, isto não tem ciência. Comprar empresas em dificuldades, mal geridas, e consertá-las ou, se estiverem mesmo para lá de salvação possível, ficar-lhes com as mais-valias e vendê-las a quem der mais. É simplesmente uma questão de distinguir as duas situações, e isso, invariavelmente, resume-se a quem as gere. Para ser bem-sucedido nos negócios, é necessário ter boas pessoas e eu sou capaz de julgar uma pessoa melhor do que a maioria.

– Talvez seja apenas uma questão de sorte – diz ela em voz baixa.

Sorte? Percorre-me um *frisson* de irritação. *Sorte?* Não há sorte nenhuma aqui à mistura, porra, Miss Steele. Ela parece simples e sossegada, mas esta sugestão? Nunca houve quem quisesse saber se eu tive sorte. Trabalhar duro, rodear-me das pessoas certas, vigiá-las de perto, duvidar delas, se tal for necessário. *É isso que eu faço e faço-o bem. Não tem nada que ver com sorte! Bem, que se foda isso.* Exibindo a minha erudição, cito-lhe uma frase de Harvey Firestone: "O crescimento e desenvolvimento das pessoas é a forma mais nobre de liderança".

– Parece um maníaco do controlo – diz ela, com uma expressão absolutamente séria.

Mas que porra?

Talvez aqueles olhos singelos *possam mesmo* ver quem sou. Controlo é o que me define. Lanço-lhe um olhar intenso.

– Oh, exerço controlo sobre todas as coisas, Miss Steele.

E gostaria de o exercer sobre si, aqui e agora.

Os olhos dela arregalam-se. Aquele rubor atraente perpassa-lhe de novo o rosto e ela torna a morder o lábio. Eu continuo a falar, numa tentativa de me distrair da sua boca.

– Além disso, adquire-se um poder imenso quando, nas nossas divagações secretas, nos convencemos de que nascemos para controlar as coisas.

– Sente que tem um poder imenso? – pergunta-me numa voz suave e apaziguante, mas arqueia as sobrancelhas delicadas, o que revela a censura do seu olhar. A minha irritação está a aumentar. Estará ela a tentar deliberadamente agrilhoar-me? Serão as perguntas, a sua atitude ou o facto de eu a considerar atraente o que me deixa passado?

– Emprego mais de quarenta mil pessoas, Miss Steele. Isso confere-me um certo sentido de responsabilidade; poder, se preferir. Se eu decidisse que já não estava interessado no negócio das telecomunicações, e vendesse, passado um mês ou pouco mais, vinte mil pessoas ver-se-iam em apuros para pagar o empréstimo das suas casas.

Ela fica de queixo caído perante a minha resposta. Assim já gosto mais. *Engula lá esta, Miss Steele.* Sinto o equilíbrio a regressar.

– Não tem de responder perante nenhum conselho de administração?

– A companhia pertence-me. Não tenho de responder perante conselho nenhum – respondo num tom ríspido.

Ela deveria saber isto. Arqueio uma sobrancelha, à laia de inter-rogação.

– E tem algum interesse para além do seu trabalho? – apressa-se a continuar, tendo avaliado corretamente a minha reação. Sabe que estou chateado e, por alguma razão inexplicável, isso dá-me um enorme prazer.

– Tenho interesses variados, Miss Steele. Muito variados.

Sorrio. Imagino-a em várias posições no meu quarto do prazer: algemada à cruz, de pernas e braços abertos na cama de dossel, inclinada sobre o banco para eu a chicotear. *Merda! De onde é que isto está a vir?* E, veja-se só... lá está ela a corar outra vez. É como um mecanismo de defesa. *Acalma-te, Grey.*

– Mas se trabalha tanto, o que faz para descontraír?

– Descontraír?

Sorrio; aquela palavra, saída da sua boca inteligente, parece esquisita. Para mais, quando é que tenho tempo para descontraír? Será que não faz ideia da quantidade de empresas que tenho? Porém, ela fita-me com aqueles olhos inocentes e, para meu espanto, dou por mim a ponderar a sua pergunta. O que *faço* eu para descontraír? Velejo, piloto, fodo... testo os limites de raparigas franzinas e morenas como ela, faço-as ajoelharem-se... A ideia obriga-me a remexer-me na cadeira, mas respondo-lhe com ligeireza, omitindo os meus dois passatempos preferidos.

– Investe na indústria. Porquê, especificamente?

A sua pergunta arrasta-me bruscamente para o presente.

– Gosto de construir coisas. Gosto de saber como funcionam: o que as faz mexer, como construir e destruir. E tenho paixão por navios. O que posso dizer? – Os navios distribuem comida por todo o planeta – levam bens de quem os tem a quem não os tem e de volta. Como é possível não se gostar deles?

– Parece mais o seu coração a falar do que a lógica e os factos.

Coração? Eu? Oh, não, querida. O meu coração foi devastado e transformado numa coisa irreconhecível há muito tempo.

– Possivelmente. Embora haja pessoas que diriam que eu não tenho coração.

– Porque diriam isso?

– Porque me conhecem bem. – Fito-a com um sorriso sardónico. Na verdade, ninguém me conhece assim tão bem, exceção feita, talvez, a Elena. Gostaria de saber o que pensaria ela da pequena Miss Steele. A miúda é um amontoado de contradições: tímida, pouco à vontade, obviamente inteligente e excitante como tudo. *Sim, OK, admito-o. É um naco atraente.*

Ela recita a pergunta seguinte sem precisar de a ler:

– Os seus amigos diriam que é uma pessoa fácil de conhecer?

– Sou uma pessoa muito reservada, Miss Steele. Esforço-me por proteger a minha privacidade. Não dou entrevistas com frequência. – Fazendo o que faço, vivendo a vida que escolhi, preciso de privacidade.

– Porque aceitou dar esta?

– Porque sou mecenas da universidade e porque, para todos os efeitos, não conseguia tirar Miss Kavanagh de cima de mim. Ela fartou-se de importunar a minha equipa do departamento de relações públicas e eu admiro esse tipo de tenacidade.

Mas estou contente por ter sido você quem apareceu e não ela.

– Também investe em tecnologias agrícolas. Porque se interessa por essa área?

– Não podemos comer dinheiro, Miss Steele, e há demasiadas pessoas neste planeta que não têm o que comer.

– Isso parece muito filantrópico. É algo que o apaixona? Alimentar os pobres do mundo?

Fita-me com uma expressão intrigada, como se eu fosse alguma espécie de enigma que ela tivesse de desvendar, mas de forma alguma quero aqueles grandes olhos azuis a perscrutarem-me a alma sombria. Não é uma área aberta a discussão. *Avança, Grey.*

– É puro negócio. – Encolho os ombros, fingindo-me enfasiado, e imagino-me a foder-lhe a boca expedita para me distrair de todas as imagens de fome que me ocorrem. Sim, aquela boca precisa de treino. *Isso é que é uma imagem cativante, e permito-me imaginá-la de joelhos à minha frente.*

– Tem alguma filosofia? Se sim, qual é? – pergunta ela, mais uma vez de cor.

– Não tenho propriamente uma filosofia. Talvez um princípio orientador, de Carnegie: “O homem que obtém a capacidade de se apropriar da sua mente por completo pode apropriar-se de tudo o resto que lhe seja justamente devido.” Sou uma pessoa muito singular, sou muito determinado. Gosto de ter controlo: sobre mim e sobre os que estão à minha volta.

– Então quer possuir coisas?

Sim, querida. A começar por ti.

– Quero merecer possuí-las; mas sim, de facto, quero.

– Parece o consumidor supremo. – A sua voz está carregada de reprovação, o que volta a chatear-me.

Fala como uma miúda rica que sempre teve tudo o que quis mas, ao examinar-lhe as roupas com mais atenção – veste-se no Walmart, ou no Old Navy¹, talvez –, percebo que não se trata disso. Não cresceu numa casa abastada.

Eu podia mesmo tomar conta de ti.

Merda, de onde é que esta porra saiu? Ainda que seja verdade, pois, agora que penso nisso, estou a precisar de uma nova submissa. Já se passaram, o quê, uns dois meses desde Susannah? E aqui estou eu, a babar-me por esta rapariga de cabelo castanho. Tento sorrir e concordar com ela. O consumo não tem nada de errado – afinal, é o que impulsiona o que resta da economia norte-americana.

– Foi adotado. Considera que isso influenciou muito a pessoa que é?

Que porra tem isso que ver com o preço do petróleo? Miro-a com um esgar. Que pergunta mais ridícula. Se eu tivesse ficado com a prostituta viciada em *crack*, provavelmente estaria morto. Para a despistar, respondo-lhe vagamente, tentando manter a voz calma, mas ela insiste, querendo saber que idade tinha quando fui adotado. *Cala-a, Grey!*

– É uma questão do conhecimento público, Miss Steele – riposto num tom glacial. Ela deveria saber esta merda. Agora está com um ar contrito. Bom.

– Sacrificou a família em prol do trabalho.

– Isso não é uma pergunta – censuro.

1. Grandes armazéns de retalho norte-americano, o último especializado apenas em vendas de roupa. (*N. da T.*)

Ela volta a corar e a morder aquele maldito lábio. Mas tem a elegância de pedir desculpa.

– Teve de sacrificar a família em prol do seu trabalho?

– Eu tenho família. Tenho um irmão e uma irmã e pais carinhosos. Não estou interessado em alargar a minha família para além disso.

– É *gay*, Mr. Grey?

Mas que porra?! Nem *acredito* que ela disse aquilo em voz alta!

A pergunta nunca antes feita, que nem a minha família se atreve a proferir, para meu gáudio. *Como se atreve!*? Tenho de reprimir o impulso de a arrancar da cadeira, dobrá-la sobre o meu joelho e dar-lhe umas boas palmadas, para em seguida a foder em cima da secretária, sem me esquecer de lhe amarrar as mãos atrás das costas. Isso responderia à sua pergunta. Que mulher tão frustrante! Inspiro profundamente para me acalmar. Por vingança, fico encantado ao ver que parece estar tremendamente embaraçada pela sua própria pergunta.

– Não, Anastasia, não sou.

Arqueio as sobrancelhas, mas mantenho uma expressão impávida. Anastasia. Que nome encantador. Gosto da forma como a minha língua se enrola ao dizê-lo.

– Peço desculpa. Está, há... aqui escrito.

Ela nem sequer sabe o que está a perguntar? Se calhar não foi ela quem escreveu as perguntas. Interrogo-a a esse respeito e ela empalidece. Porra, é mesmo atraente, de uma forma muito subtil. Poderia até dizer que é linda.

– Eh... não. A Kate, a Miss Kavanagh, compilou as perguntas.

– São colegas no jornal académico?

– Não. Divide o apartamento comigo.

Não admira que esteja tão nervosa. Coço o queixo, a ponderar se quero deixá-la mesmo, mesmo aflita.

– Ofereceu-se para fazer esta entrevista? – pergunto-lhe, e sou recompensado com o seu olhar submisso: olhos grandes, preocupados com a minha reação.

Agrada-me surtir esse efeito nela.

– Fui chamada. Ela não está bem – diz numa voz suave.

– O que explica muita coisa.

Alguém bate à porta; é Andrea, que entra.

– Mr. Grey, peço desculpa pela interrupção, mas a sua próxima reunião é daqui a dois minutos.

– Ainda não acabámos, Andrea. Por favor, cancele a minha próxima reunião.

Andrea hesita, boquiaberta. Eu dispenso-a com um olhar austero.

Rua! Já! Estou ocupado com a pequena Miss Steele. Andrea fica vermelha como um tomate mas depressa se recompõe.

– Muito bem, Mr. Grey – responde e, voltando costas, deixa-nos.

Eu torno a concentrar-me na criatura intrigante e frustrante que está no meu cadeirão.

– Onde íamos, Miss Steele?

– Por favor, não deixe que o atrase.

– Quero saber mais sobre si. Parece-me justo. – Enquanto me recosto e levo os dedos aos lábios, o seu olhar foca-se por um instante na minha boca e ela engole em seco. *Oh, sim – o efeito do costume.* E é gratificante perceber que não é completamente indiferente aos meus encantos.

– Não há muito para saber – diz ela, com o rubor a regressar. Estou a intimidá-la. *Bom.*

– O que planeia fazer depois de terminar o curso?

Ela encolhe os ombros.

– Não fiz planos nenhuns, Mr. Grey. Só preciso de passar nos exames finais.

– Temos um programa de estágios excelente.

Merda. O que me levou a dizer isto? Estou a infringir a regra de ouro – nunca, nunca levar funcionárias para a cama. *Mas, Grey, não levaste esta rapariga para a cama.* Ela parece surpreendida e os seus dentes tornam a arrepanhar o lábio. *Porque será que aquilo é tão excitante?*

– Hum... Vou lembrar-me disso – murmura ela. – Embora não tenha a certeza de que fosse enquadrar-me muito bem aqui.

Porque não, raios? Qual é o problema da minha empresa?

– Porque disse isso? – pergunto.

– É óbvio, não é?

– Para mim não é.

Ela torna a ficar ruborizada e agarra no gravador. *Merda, vai-se embora.* Revejo mentalmente a minha agenda da tarde – não há nada que não possa esperar.

– Quer que lhe mostre as instalações? – sugiro.

– De certeza que tem muito que fazer, Mr. Grey, e eu tenho uma longa viagem pela frente.

– Volta de carro para Vancouver? – Olho de relance pela janela. É uma viagem e tanto, e está a chover. *Merda.* Ela não deveria conduzir com o tempo assim, mas não posso proibi-la. A ideia irrita-me. – Bem, é melhor ir com cuidado.

Ela guarda o gravador. Quer sair do meu gabinete e, por algum motivo que não consigo precisar, eu não quero que ela vá.

– Tem tudo aquilo de que precisa? – acrescento, numa tentativa óbvia de lhe prolongar a estada.

– Sim, senhor – diz em voz baixa.

A sua resposta deixa-me de rastos – o som daquelas palavras, a saírem daquela boca despachada... e, por um breve instante, imagino aquela boca às minhas ordens.

– Obrigada pela entrevista, Mr. Grey.

– O prazer foi todo meu – respondo honestamente, pois há muito não me sentia tão fascinado por alguém. É um pensamento perturbador.

Ela levanta-se e eu estendo o braço, ávido por lhe tocar.

– Até uma próxima oportunidade, Miss Steele – digo numa voz grave enquanto ela encosta a sua pequena mão à minha.

Sim, quero vergastar e foder esta rapariga no meu quarto do prazer.

Tê-la amarrada e desejosa... a precisar de mim, a confiar em mim. Engulo em seco. *Isso não vai acontecer, Grey.*

– Mr. Grey.

Ela acena com a cabeça e retira a mão depressa... demasiado depressa.

Merda, não posso deixá-la ir-se embora assim. É óbvio que está desesperada por partir. A irritação e a inspiração atingem-me em simultâneo enquanto a acompanho à porta.

– Apenas para me certificar de que passa pela porta, Miss Steele.

Ela cora de imediato, naquele delicioso tom rosado.

– É muito atencioso da sua parte, Mr. Grey – riposta ela.

Miss Steele tem garras! Sorrio nas suas costas enquanto ela sai e sigo-a. Tanto Andrea como Olivia levantam a cabeça e olham para nós com um ar escandalizado. *Está bem, está bem, vou só acompanhar a rapariga à saída.*

– Trouxe casaco? – pergunto.

– Um blusão.

Lanço um olhar austero a Olivia, que logo salta da cadeira para ir buscar um blusão azul-escuro. Recebo-o e mando-a sentar-se com o olhar. Céus, Olivia é irritante – sempre a suspirar por mim.

Hum. O casaco é *mesmo* do Walmart. Miss Anastasia Steele deveria vestir-se melhor. Seguro-o para a ajudar a vesti-lo e, ao levá-lo até aos seus ombros esguios, toco-lhe na pele da base do pescoço. Ela imobiliza-se ao sentir o contacto e empalidece. *Sim!* De facto, *surto* efeito nela. Aperceber-me disso dá-me um prazer imenso. Caminho até ao elevador e carrego no botão para o chamar enquanto ela vai remexendo as mãos.

Oh, eu acabava-te com esses tiques, querida.

As portas abrem-se e ela apressa-se a entrar, após o que se vira para mim.

– Anastasia – murmuro, em jeito de despedida.

– Christian – sussurra ela. E as portas do elevador fecham-se, deixando o meu nome a pairar no ar, com uma sonoridade estranha, desconhecida, mas sensual como tudo.

Bem, macacos me mordam. Que raio foi isto?

Preciso de saber mais sobre a rapariga.

– Andrea – chamo num tom ríspido assim que volto ao gabinete.
– Passe-me ao Welch, já.

Sentado à secretária à espera da chamada, olho para os quadros pendurados na parede do meu gabinete e as palavras de Miss Steele vêm-me à memória. *Fazem do comum, extraordinário.* Podia perfeitamente estar a descrever-se a si mesma.

O meu telefone toca.

– Tenho Mr. Welch em linha.

– Passe a chamada.

– Sim, senhor.

– Welch, preciso que me faça uma investigação.

SÁBADO, 14 DE MAIO DE 2011

Anastasia Rose Steele

Data de Nascimento	10 de setembro de 1989, Montesano, Washington
Morada	1114 SW Green Street, 7, Haven Heights, Vancouver, WA 98888
N.º Telemóvel	360 959 4352
N.º Segurança Social	987-65-4320
Dados Bancários	Wells Fargo Bank, Vancouver, WA 98888 Nº Conta: 309361. Saldo: \$683.16
Ocupação	Estudante de Licenciatura WSU Vancouver College of Liberal Arts Licenciatura em Inglês
GPA*	4.0
Educação Anterior	Escola Preparatória e Secundária de Montesano
Emprego	Loja de Ferramentas Clayton's (<i>part-time</i>)
Pai	Franklin A. Lambert 01-09-1969 – 11-09-1989
Mãe	Carla May Wilks Adams Data de Nascimento: 18 de julho 1970 cas, Frank Lambert - 1 de março de 1989, viúva a 11 de setembro de 1989 cas, Raymond Steele - 6 de junho de 1990, divorciada a 12 de julho de 2006 cas, Stephen M. Morton - 16 de agosto de 2006, divorciada a 31 de janeiro de 2007 cas, Robbin (Bob) Adams - 6 de abril de 2009

*. Grade Point Average, i.e., média de notas. Nos EUA, a escala mais comum é de 0 a 4. (*N. da T.*)

Afiliações Políticas	Não encontradas
Afiliações Religiosas	Não encontradas
Orientação Sexual	Desconhecida
Relações	Nenhuma indicada

Examino o resumo conciso pela centésima vez desde que o recebi, há dois dias, em busca de algo revelador da enigmática Miss Anastasia Rose Steele. Não consigo tirar a maldita mulher da cabeça e está a começar a chatear-me seriamente. Nesta última semana, sobretudo nas reuniões mais enfadonhas, dei por mim a rever mentalmente a entrevista. Os seus dedos desajeitados no gravador, a forma como prendia o cabelo atrás da orelha e mordida o lábio. *Sim*. A porra da maneira como mordida o lábio dá cabo de mim.

E agora eis-me aqui, estacionado diante da Clayton's, a modesta loja de ferramentas nos arredores de Portland, onde ela trabalha.

És um tolo, Grey. Porque estás aqui?

Eu sabia que acabaria aqui. Toda a semana... sabia que tinha de voltar a vê-la. Soube-o desde que ela proferiu o meu nome no elevador e desapareceu nas profundezas do meu edifício. Tentei resistir. Esperei cinco dias, cinco malditos dias para ver se a esquecia. *E eu não espero. Detesto esperar... pelo que quer que seja*. Nunca persegui ativamente uma mulher. As mulheres que tive compreendiam o que eu esperava delas. O meu receio agora é que Miss Steele seja simplesmente jovem de mais e não esteja interessada no que tenho para lhe oferecer... estará? Dará sequer uma boa submissa? Abano a cabeça. Só há uma forma de descobrir... por isso, eis-me aqui, como um idiota chapado, sentado num parque de estacionamento suburbano numa área tristonha de Portland.

A investigação a que foi submetida não revelou nada de impressionante – à exceção do último facto, que não me tem abandonado a mente. É por isso que aqui estou. *Porque não tem namorado, Miss Steele?* Orientação sexual desconhecida – talvez seja lésbica. Resfolego, já que me parece improvável. Lembro-me da pergunta que me fez durante a entrevista, da forma como a sua pele se ruborizou naquele tom rosado... *Merda*. Sofro com estes pensamentos ridículos desde que a conheci.

É por isso que estás aqui.

Estou ansioso por voltar a vê-la – aqueles olhos azuis têm-me atordado, mesmo nos meus sonhos. Não falei dela a Flynn e ainda bem que não, pois agora estou a comportar-me como um perseguidor. *Talvez devesse contar-lhe*. Reviro os olhos – não o quero a apossar-me com a sua última treta baseada numa solução. Só preciso de uma distração... e, neste momento, a única distração que quero trabalha como vendedora numa loja de ferramentas.

Já vieste até aqui. Vamos lá ver se a pequena Miss Steele é tão atraente como te lembras. Hora do espetáculo, Grey.

Saio do carro e atravesso o parque de estacionamento em direção à porta da frente. Um sino eletrónico soa quando entro.

A loja é muito maior do que parece do lado de fora e, apesar de ser quase hora de almoço, está calma, para um sábado de manhã. Há corredores e corredores cheios das tretas que se esperariam. Tinha-me esquecido das possibilidades que um armazém destes poderia apresentar para uma pessoa como eu. Regra geral, faço as minhas compras *online*, mas, já que aqui estou, posso abastecer-me de algumas coisas... velcro, aros fendidos – *Sim*. Vou encontrar a deliciosa Miss Steele e divertir-me.

Bastam-me três segundos para a localizar. Está debruçada sobre o balcão, a fitar um ecrã de computador com um ar compenetrado e a depenicar o almoço – um *bagel*. Sem pensar, limpa uma migalha do canto da boca e suga o dedo. O meu pénis mexe-se, reagindo. *Merda! Mas que idade tenho, catorze anos?* A minha reação irrita-me como o caracas. Talvez esta reação adolescente pare se eu a aferrolhar, foder e flagelar... e não necessariamente por esta ordem. Pois. É disso que preciso.

Ela está completamente absorta na sua tarefa, o que me dá a oportunidade de a observar. Pondo de parte pensamentos devassos, ela é atraente, mesmo atraente. Lembrava-me bem dela.

Ela levanta a cabeça e estaca, fixando em mim o seu olhar inteligente e astuto – o mais azul dos azuis, que parece ver para além da minha máscara. É tão enervante como quando a conheci. Ela limita-se a fitar-me, parece-me que chocada, e não sei se se trata de uma reação boa ou má.

– Miss Steele. Que surpresa tão agradável.

– Mr. Grey – sussurra ela, ofegante e corada.

Ah... é uma reação boa.

– Estava nesta zona. Preciso de me abastecer de algumas coisas. É um prazer voltar a vê-la, Miss Steele.

Um prazer mesmo. Está a usar uma *t-shirt* e uns *jeans* justos, nada daquela merda disforme que tinha vestida no início da semana. Tem umas pernas compridas, uma cintura estreita e umas mamas perfeitas. Continua boquiaberta, e eu tenho de resistir ao impulso de esticar a mão e subir-lhe o queixo para lhe fechar a boca. *Voei de Seattle só para a ver e, dada a expressão com que está, a viagem valeu a pena.*

– Ana, o meu nome é Ana. Em que posso ajudá-lo, Mr. Grey?

Ela inspira profundamente, endireita os ombros como fez na entrevista e presenteia-me com um sorriso forçado que aposto que reserva para os clientes.

O jogo vai começar, Miss Steele.

– Há alguns itens de que preciso. Para começar, gostaria de levar algumas braçadeiras para cabos.

Os seus lábios entreabrem-se enquanto inspira profundamente.

Ficaria espantada com o que sou capaz de fazer com uns quantos cabos, Miss Steele.

– Temos vários comprimentos. Quer que lhe mostre?

– Por favor. Pode avançar, Miss Steele.

Ela sai de trás do balcão e aponta para um dos corredores. Tem uns ténis *All Star*. Deixo-me imaginar como ficaria nuns sapatos de salto agulha. *Louboutins...* só com *Louboutins*.

– Estão junto aos materiais elétricos, corredor oito.

A voz treme-lhe e ela cora... outra vez. *Sente-se afetada por mim.* A esperança aflora-me no peito. *Então não é lésbica.* Sorrio.

– A menina primeiro – murmuro, com um gesto para que me mostre o caminho. Fazê-la caminhar à minha frente dá-me espaço e tempo para lhe admirar o rabo fantástico. É mesmo tudo o que se pode querer: doce, educada e linda, com todos os atributos que valorizo numa submissa. Mas a questão que realmente se coloca é: Poderia ela ser uma submissa? O mais provável é que não saiba nada sobre esse estilo de vida – o meu estilo de vida –, mas quero mesmo apresentar-lho. *Estás a pôr a carroça à frente dos bois, Grey.*

– Está em Portland em negócios? – pergunta, interrompendo-me os pensamentos.

Fala numa voz aguda, a tentar fingir-se desinteressada. Isso dá-me vontade de rir, o que é revigorante. As mulheres raramente me fazem rir.

– Vim visitar o polo agrícola da WSU. Fica localizado em Vancouver – minto. *Na verdade, vim vê-la, Miss Steele.* Ela cora e eu sinto-me mal como a merda. – Atualmente estou lá a fundar um projeto de pesquisa no âmbito da rotação de culturas e da pedologia. – Isto, ao menos, é verdade.

– Faz tudo parte do plano para alimentar o mundo inteiro? – Os seus lábios curvam-se num quase sorriso.

– Qualquer coisa assim – resmoneio. *Estará a gozar comigo?* Oh, como gostaria de pôr fim a isso, se fosse o caso. Mas como hei de começar? Talvez com um convite para jantar, em vez da entrevista do costume... isso é que seria uma novidade: levar uma candidata a jantar fora.

Chegámos à zona das braçadeiras para cabos, que estão dispostas de acordo com o comprimento e a cor. Distraidamente, os meus dedos percorrem as várias embalagens. *Posso convidá-la simplesmente para jantar.* Como num encontro amoroso? Será que ela aceitava? Quando olho para ela, vejo que está muito concentrada nos seus dedos emaranhados. Nem consegue olhar para mim... *isto promete.* Escolho as braçadeiras mais compridas. Afinal, são mais flexíveis – dão para prender dois tornozelos e dois pulsos de uma só vez.

– Estas servem – murmuro, ao que ela volta a corar.

– Mais alguma coisa? – apressa-se a perguntar. Ou está a ser muitíssimo atenciosa, ou quer-me fora da loja. Não consigo perceber se é uma coisa ou outra.

– Queria fita adesiva.

– Está a fazer obras?

– Não, obras não. – *Se tu soubesses...*

– Por aqui – diz ela. – A fita adesiva está no corredor da decoração.

Vá lá, Grey. Não te resta muito tempo. Interessa-a com alguma conversa.

– Trabalha aqui há muito tempo?

Claro que já sei a resposta. Ao contrário de algumas pessoas, eu trato de fazer pesquisa prévia. Ela volta a corar – céus, esta rapariga é tímida. *Não tenho a mínima hipótese.* Vira-se depressa e encaminha-se para o corredor com a tabuleta que diz decoração. Eu sigo-a avidamente. *Mas eu sou o quê, a porra de um cachorrinho?*

– Há quatro anos – balbucia quando chegamos às prateleiras da fita adesiva.

Ela baixa-se e agarra em dois rolos de larguras diferentes.

– Levo essa – escolho. A fita mais larga é muito mais eficaz como mordalha. Quando ela me passa, as pontas dos nossos dedos tocam-se e a sensação replica-se no meu baixo-ventre. *Caramba!* Ela empalidece.

– Mais alguma coisa? – A sua voz está rouca e ofegante.

Meu Deus, estou a surtir nela o mesmo efeito que ela em mim.

Talvez...

– Um bocado de corda, julgo eu.

– Por aqui. – Ela percorre rapidamente o corredor, dando-me outra oportunidade de lhe apreciar o belo traseiro. – De que tipo procura? Temos cordas de fibras sintéticas e naturais... barbante... cabo...

Merda... para. Gemo mentalmente, tentando afugentar a imagem dela suspensa no teto do meu quarto do prazer.

– Levo cinco metros da corda de fibras naturais, por favor.

É mais áspera e fricciona mais a pele quando uma pessoa se debate... é a minha corda de eleição.

Tremem-lhe os dedos, mas ela mede eficientemente cinco metros. Tirando um x-ato do bolso direito, corta a corda com um gesto despachado, enrola-a bem e ata-a com um nó corredio. *Impressionante.*

– Foi escuteira?

– As atividades de grupos organizados não são a minha onda, Mr. Grey.

– E qual é a sua onda, Anastasia? – Olho fixamente para ela e as suas pupilas dilatam-se. *Sim!*

– Livros – sussurra ela.

– Que tipo de livros?

– Ah, sabe como é, o costume. Os clássicos. Literatura inglesa principalmente.

Literatura inglesa? Brontë e Austen, aposto. Todos esses gêneros românticos cheios de corações e florzinhas. Merda. Isso não é bom.

– Há mais alguma coisa de que precise?

– Não sei. Que mais recomendaria?

– Para fazer bricolagem? – pergunta, surpreendida.

Apetece-me desatar a rir a bandeiras despregadas. *Oh, querida, bricolagem não é a minha onda.* Assinto com a cabeça, sufocando o riso. Ela passa o olhar pelo meu corpo e eu reteso-me. Ela está a mirar-me! *Raios partam.*

– Um macacão – diz ela.

É a coisa mais inesperada que já ouvi a sair-lhe pela boca doce e expedita desde que me perguntou se era *gay*.

– Não vai querer estragar a roupa. – Aponta para os meus *jeans*, de novo embaraçada. Não sou capaz de resistir.

– Posso sempre tirá-la.

– Pois. – Ela fica vermelha como um tomate e fita o chão.

– Levo o tal macacão. Nem pensar em estragar a roupa – murmuro, para a livrar do embaraço.

Sem dizer nada, ela vira-se e caminha rapidamente pelo corredor, ao que eu torno a seguir-lhe as passadas cativantes.

– Deseja mais alguma coisa? – pergunta-me num gemido, entregando-me um macacão azul. Está mortificada, de olhos ainda baixos e rosto afogueado. Meu Deus, ela faz-me sentir coisas.

– Como está a correr o artigo? – inquiri, na esperança de que talvez descontraiu um pouco. Ela levanta a cabeça e esboça um sorriso breve mas aliviado. *Finalmente.*

– Não sou eu quem está a escrevê-lo, é a Kate. Miss Kavanagh. Que vive comigo; é ela. Está muito contente com o artigo. É editora do jornal e ficou destrozada por não poder fazer ela mesma a entrevista.

É a frase mais comprida que me dirigiu desde que nos conhecemos e está a falar de outra pessoa, não de si mesma. *Interessante.* Antes que eu possa fazer algum comentário, ela acrescenta:

– A única preocupação dela é não ter fotografias suas originais.

A tenaz Miss Kavanagh quer fotografias. Imagens promocionais, há?

Posso fazer isso. Sempre ganharei mais tempo com a deliciosa Miss Steele.

– Que tipo de fotografia é que ela quer?

Ela fita-me por um instante e depois abana a cabeça, perplexa, sem saber o que dizer.

– Bom, eu estou por aqui. Amanhã, talvez...

Posso ficar em Portland. Trabalhar a partir de um hotel. Um quarto no Heathman, quem sabe. Vou precisar que Taylor venha cá, me traga o portátil e algumas roupas. Ou Elliot – a menos que ele ande enrolado com alguém, que é como costuma ocupar os fins de semana.

– Estaria disponível para uma sessão fotográfica? – Ela não consegue disfarçar a surpresa.

Aceno com a cabeça. *Ficaria espantada com o que eu faria para passar mais tempo consigo, Miss Steele... na verdade, eu também estou.*

– A Kate ficará encantada, se conseguirmos encontrar um fotógrafo.

Ela sorri e o seu rosto ilumina-se como uma alvorada de verão. Meu Deus, é de cortar a respiração.

– Diga-me alguma coisa sobre isso amanhã. – Tiro um cartão da carteira. – Tem o meu telemóvel. Tem de ligar antes das dez da manhã. – E, se não o fizer, eu volto para Seattle e esqueço esta façanha estúpida. A ideia deprime-me.

– OK – diz ela, ainda a sorrir.

– Ana!

Ambos nos viramos quando um jovem, vestido com roupas informais mas caras, aparece ao fundo do corredor. Todo ele é sorrisos para Miss Anastasia Steele. Mas quem raio é este sacana?

– Há... dê-me licença por um instante, Mr. Grey.

Ela vai ter com ele e o cabrão agarra-a num abraço de gorila. Fico com o sangue gelado. É uma reação primitiva. *Tira as patas de cima dela, filho da mãe.* Cerro os punhos e só o facto de ver que ela não faz qualquer movimento para lhe corresponder ao abraço me aplaca um pouco.

Começam a cochichar. *Merda, talvez o Welch me tenha fornecido dados errados.* Talvez este tipo seja o namorado dela. Parece ter a idade certa e não consegue desviar os olhos ávidos dela. Segura-a por um

instante à distância de um braço para a observar e depois mantém o braço sobre os ombros dela, num gesto que parece descontraído mas que eu percebo que é uma declaração de posse, para que eu me afaste. Ela está com um ar envergonhado, a mudar o peso de um pé para o outro.

Merda, é melhor ir-me embora. Depois ela diz-lhe qualquer coisa e afasta-se dele, tocando-lhe no braço e não na mão. Torna-se óbvio que não são íntimos. *Bom.*

– Há... Paul, este é Christian Grey. Mr. Grey, este é Paul Clayton. O irmão é o dono da loja. – Ela lança-me um olhar estranho que eu não compreendo e continua: – Conheço o Paul desde que comecei a trabalhar aqui, apesar de não nos vermos com grande frequência. Ele chegou de Princeton, onde estuda administração de empresas.

O irmão do patrão, não o namorado. O alívio que sinto é inesperado e faz-me franzir o sobrolho. *Esta mulher afetou-me mesmo.*

– Mr. Clayton – cumprimento-o, num tom deliberadamente ríspido.

– Mr. Grey. – Dá-me um aperto de mão frouxo. – Espere aí... não é o Christian Grey? Da Grey Enterprises Holdings?

Sim, sou eu, seu cretino.

– Uau! Há alguma coisa que possa fazer por si?

– A Anastasia já tratou de tudo, Mr. Clayton. Tem sido muito atenciosa.

Agora põe-te a andar.

– Fixe – balbucia ele, de olhos esbugalhados e num tom deferente.

– Vemo-nos mais logo, Ana.

– Sim, Paul – anui ela, e ele evapora-se, graças a Deus. Vejo-o desaparecer para as traseiras do armazém. – Mais alguma coisa, Mr. Grey?

– Só estes artigos – resmungo.

Merda, estou a ficar sem tempo e ainda não sei se vou voltar a vê-la. Tenho de saber se há a mínima hipótese de ela considerar aquilo que tenho em mente? Como hei de perguntar-lhe? Estarei preparado para aceitar uma nova submissa que não saiba nada? Merda. Ela vai precisar de treino básico. Gemo mentalmente perante todas as possibilidades interessantes que isso proporciona... Caramba, chegar lá será metade do gozo. Ficará ela sequer interessada? Ou terei percebido tudo mal?

Ela volta para trás do balcão e regista as minhas compras na caixa, sempre de olhar baixo. *Olha para mim, raios partam!* Quero voltar a ver os seus lindos olhos azuis e tentar entender o que está a pensar.

Por fim, levanta a cabeça.

– São quarenta e três dólares, por favor.

Só isso?

– Quer um saco? – pergunta-me, entrando no papel de funcionária de caixa quando lhe passo o meu cartão da American Express.

– Por favor, Anastasia.

O seu nome – um nome lindo para uma rapariga linda – rola-me na língua.

Ela guarda as compras no saco com gestos rápidos e eficientes. Pronto. Tenho de ir.

– Telefona-me se quiser que faça a sessão fotográfica?

Ela acena com a cabeça enquanto me devolve o cartão de crédito.

– Bom, até amanhã, talvez. – *Não posso limitar-me a ir embora. Tenho de lhe dar a entender que estou interessado.* – Ah, Anastasia, fico contente por Miss Kavanagh não ter podido fazer a entrevista. – Ela parece surpreendida e lisonjeada.

Isso é bom.

Ponho o saco ao ombro e saio da loja.

Sim, apesar de saber que não devo, quero-a. Agora terei de esperar... esperar, porra... outra vez. Com uma força de vontade que deixaria Elena orgulhosa, mantenho os olhos fixos em frente enquanto tiro o telemóvel do bolso e entro no carro alugado. Deliberadamente, não vou olhar para ela. Não vou. Não vou. Os meus olhos desviam-se por um instante para o retrovisor, mas tudo o que vejo é a fachada pitoresca da loja. Ela não está à janela, a fitar-me.

Que desilusão.

Carrego numa tecla de marcação rápida e Taylor atende antes de o telefone tocar.

– Mr. Grey – diz ele.

– Reserva-me um quarto no Heathman; vou passar o fim de semana em Portland, e se puderes traz-me o SUV, o computador e a documentação que está por baixo, para além de uma ou duas mudas de roupa.

- Sim, senhor. E o *Charlie Tango*?
- O Joe que o passe para o aeroporto de Portland.
- Com certeza, senhor. Estarei consigo dentro de umas três horas e meia.

Desligo e ponho o carro a trabalhar. Portanto, tenho umas horas em Portland enquanto espero para ver se esta rapariga está interessada em mim. O que fazer? Dá para uma caminhada, parece-me. Talvez possa andar o suficiente para expulsar esta estranha fome do meu sistema.

Já se passaram cinco horas sem qualquer telefonema da deliciosa Miss Steele. Que raio me terá passado pela cabeça? Observo a rua pela janela da minha suíte no Heathman. Abomino esperar. Foi sempre assim. O tempo, entretanto enevoado, aguentou-se durante a minha caminhada por Forest Park, mas o passeio nada fez pela minha agitação. Estou aborrecido com ela por não me ter telefonado, mas sobretudo sinto-me zangado comigo mesmo. Sou um tolo por estar aqui. Que perda de tempo tem sido perseguir esta mulher. Quando é que eu alguma vez persegui uma mulher?

Grey, vê lá se te controlas.

Com um suspiro, verifico o telemóvel mais uma vez, esperando não ter dado pela chamada dela, mas a verdade é que não há qualquer registo de chamadas perdidas. Ao menos Taylor chegou e tenho todas as minhas coisas, incluindo o relatório de Barney acerca dos testes de grafeno do seu departamento, pelo que posso lê-lo e trabalhar em paz.

Paz? Não conheço paz desde que Miss Steele me apareceu no escritório.

Quando olho para cima, o entardecer envolveu a minha suíte em sombras cinzentas. A perspectiva de mais uma noite solitária é deprimente. Estou eu a ponderar o que fazer quando o meu telemóvel vibra contra a madeira polida da secretária, ao que um número vagamente familiar, com um indicativo da área de Washington, aparece no ecrã. De repente, fico com o coração a latejar, como se tivesse corrido quinze quilómetros.

Será ela?

Atendo.

– Há... Mr. Grey? Sou a Anastasia Steele.

A minha cara abre-se num sorriso de orelha a orelha. *Ora, ora.* Uma Miss Steele ofegante, nervosa, de voz suave. A minha noite está a compor-se.

– Miss Steele. Que bom ter notícias suas.

Ouçó-lhe a respiração a travar e esse som tem um efeito imediato no meu baixo-ventre.

Ótimo. Estou a afetá-la. Como ela me afeta a mim.

– Eh... Gostávamos de ir em frente com a sessão fotográfica para o artigo. Amanhã, se for possível. Em que sítio lhe seria mais conveniente, Mr. Grey?

No meu quarto. Só tu, eu e as braçadeiras para cabos.

– Estou no Heathman, em Portland. Digamos, amanhã de manhã, às nove e meia?

– OK, lá estaremos! – exclama ela, incapaz de disfarçar o alívio e o contentamento.

– Fico a aguardar, Miss Steele.

Desligo antes que ela consiga pressentir a minha excitação e satisfação. Recosto-me na cadeira, observo o horizonte a escurecer e passo as duas mãos pelo cabelo.

Como raio hei de rematar este negócio?